



■ MAMÃE TÁRCIA E O PEQUENO NICOLAS HEITOR: PURA FELICIDADE

Técnica assistida realiza sonhos

Nicolas Heitor de Oliveira nasceu no dia 24 de julho, às vésperas do aniversário de 30 anos da inglesa Louise Brown — o primeiro bebê de proveta do mundo —, também por meio de fertilização *in vitro*. Com 4,2 kg, é o orgulho da mãe, Tarcia Michele de Oliveira, e de toda a equipe de reprodução humana do Hospital Regional da Asa Sul (HRAS), em Brasília.

"É inexplicável. Para mim, a melhor vitória da minha vida é olhar para a carinha do meu filho, ver que ele está bem, que lutei muito e que não estive sozinha em momento algum", festeja Tarcia.

Ela lembra que, antes da gravidez, sentia-se inferior às mulheres que tinham a opção de gerar filhos. Quando informou à família que iria se submeter a um tratamento de reprodução assistida, ainda em 1999, garante que não houve resistência ou qualquer tipo de preconceito. "Foi uma vitória", diz.

A chefe do serviço de reprodução humana do HRAS, Rosaly Rulli Costa — que acompanhou toda a gestação de Tarcia — não esconde o orgulho de integrar uma das poucas equipes do País que trabalham com técnicas de reprodução assistida em hospitais da rede pública de saúde. Ela explica que o atendimento começou em 1998 e que a lista de espera chega a 2.950 pacientes. Nos últimos dez anos, o HRAS atendeu 800 mulheres para fertilização *in vitro*.

■ Infertilidade

O número de casais considerados inférteis, de acordo com a médica, varia entre 15% e 18% em todo o mundo. Desses, 40% são decorrentes de infertilidade masculina, outros 40% de infertilidade feminina e 20% de ambos os lados. Por isso, Rosaly alerta que oferecer o procedimento para a parcela mais pobre da sociedade, apesar de ainda ser visto como algo "su-

pérfluo", merece mais atenção.

"É um direito constitucional que o casal tem de poder definir a quantidade de filhos que tem e de ter os filhos que quiser. Isso é garantido pela Constituição Federal e é um bem inalienável do ser humano. Lamentavelmente, o SUS (Sistema Único de Saúde) ainda não regulamentou as técnicas de fertilização assistida. As secretarias de Estado ficam com ônus enorme porque são procedimentos muito caros."

Ela garante que o HRAS atende, por mês, uma média de 15 a 20 mulheres de todo o Brasil. Segundo ela, isso só é possível porque a Secretaria de Saúde do Distrito Federal tem mantido um repasse regular dos medicamentos. Diante da fila e da escassez de recursos, cada paciente tem direito a duas chances e a possibilidade de engravidar, em cada uma delas, é de apenas 30%.

"A melhor coisa seria que o Ministério da Saúde tivesse o

interesse de ver o quanto é importante o Sistema Único de Saúde encampar as técnicas de fertilização assistida para que possa pagar esses procedimentos às secretarias de estados", defende a especialista.

Entre os pré-requisitos exigidos pelos hospitais e clínicas que realizam a reprodução assistida está uma boa atividade dos ovários da paciente que pretende engravidar, bem como boas condições clínicas e sorológicas que possam sustentar uma gestação. "O protocolo é rígido", explica a médica.

Durante todo o processo, não apenas a mulher mas, também, o companheiro são assistidos por uma equipe composta, ainda, de uma psicóloga e uma assistente social. "Foi uma das minhas exigências porque, realmente, é um processo difícil, doloroso e que, emocionalmente, mexe muito com o casal", avalia Rosaly. (Da Agência Brasil)